

O EGITO E A SUA ARTE

**O misterio, a imponentia e grandeza das proporções, tais
são as características da civilização e arte do vale do Nilo**

O extenso e ubérrimo vale do Nilo encerra em si uma das mais antigas e típicas civilizações que pode ser observada nos monumentos grandiosos levantados há centenas de séculos e que o tempo não conseguiu demolir.

A arte egípcia assombra pela imponentia mas é triste como o motivo que a guiava — a morte.

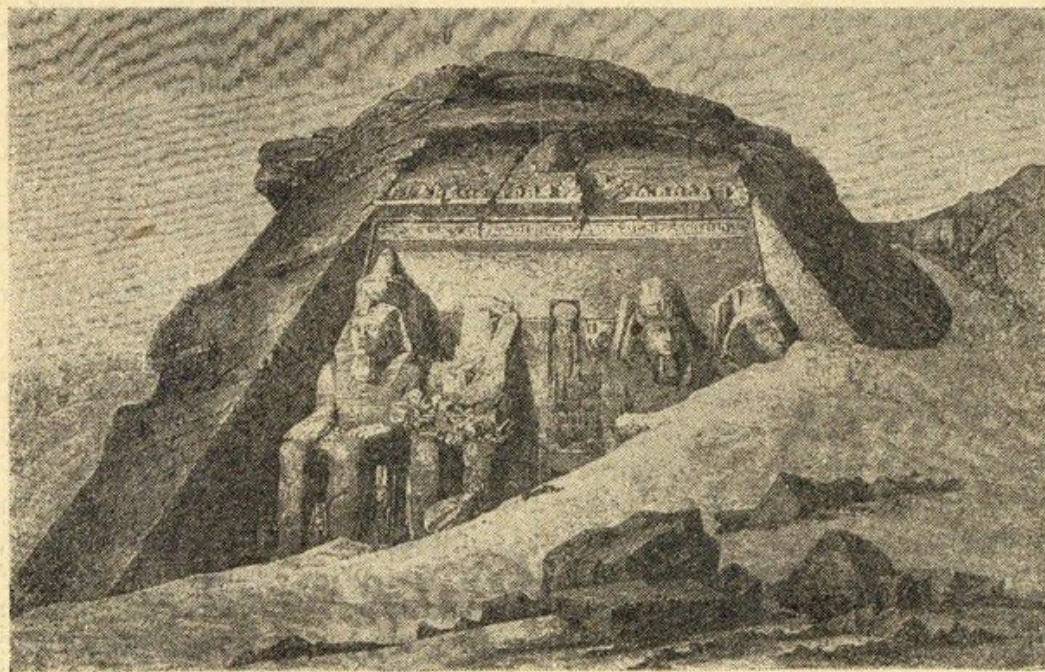
A grande pirâmide é o mais gigantesco de todos os monumentos do Egito e no entanto é um túmulo apenas.

E' como uma estupenda montanha de pedra de 150 metros de altura, construída pela mão do homem em tempos em que as mais rudimentares regras de mecânica eram desconhecidas. Eleva-se hoje em pleno deserto a desafiar os céus e o tempo. A alguns metros do solo abre-se uma pequenina porta dando acesso a um longo corredor, escuro e estreito. Só de joelhos se pode entrar, tão pequena é a porta. No interior, o ar é pesado e asfíxiante. Parece

que a montanha pesa sobre nós e nos esmaga. A meio do corredor abre-se um poço negro a que só ultimamente alguns exploradores ingleses tem conseguido descer. Passado o poço entra-se finalmente numa vasta sala de paredes lisas e estucadas. E' a Câmara do Rei. E' ali que repousa, ao abrigo da curiosidade dos homens, o corpo do soberano que há milhares de anos mandou levantar aquele ciclopico monumento.

A poucos metros deste edificio encontra-se a Esfinge, um animal fantastico com corpo de leão e cabeça de mulher. Era uma deusa? Ignora-se.

Deitada como está, a figura ergue a cabeça 25 metros acima da base. E' talhada numa imensa rocha natural que naquele ponto emerge da areia que a cerca de todos os lados. A impressão que se sente à vista da Esfinge é profunda. Na eterna imobilida-



Templo de Abu-Simbel

de do colosso, no olhar estranho e fixo das suas pupilas de pedra há qualquer cousa de misterioso a penetrar-nos a alma.

Que faz ali? A Esfinge guarda ciosamente o seu segredo.

Tudo faz supor que o corpo do monstro é perfurado por um corredor que conduz a um tumulto onde provavelmente repousa há cinco ou seis mil anos a múmia dum Faraó.

A grandeza triste e o misterio que ressuma deste monumento dão-nos a impressão de que estamos em face dum problema insolúvel, dum segredo inviolável.

Apesar dos estragos que o tempo tem causado na figura impõe-se-nos a estranha expressão daquela fisionomia. O olhar ligeiramente inclinado para cima, como que a fixar um objecto que não é da terra, invisível aos homens que rastejam no misero planeta, os labios entreabertos num sorriso de ironia e de desdem, tudo isto nos impressiona profundamente.

Depois o templo de Luqsor, de proporções maciças

e pesadas. Como a grande piramide, tem uma só abertura e essa mesma pequena.

E subindo rio acima a cada passo se nos deparam monumentos colossais que surpreendem pela sua grandeza e solidez.

Eis Thebas, a antiga cidade das cem portas, outróra capital do Imperio, e de quem hoje se admiram as ruinas.

Aquí parou Desaix, general de Bonaparte, e apesar das grandes privações e perigos sofridos pelos seus soldados, todos ficaram boquiabertos e comovidos á vista das ruinas maravilhosas, prorrompendo depois em aplausos atroadores como se aqueles farnosos despojos fossem o objecto da sua incursão através do Nilo.

E' bela a arte egicia pela sua imponente grandeza, mas é uma beleza sepulcral de solenidade funebre. A sua religião é sombria e severa. A sua arte é-o também.

No gótico cristão da meia idade ha vida, ha esperança, ha deslumbramento, pelo arrojo da concepção, pelo florido e delicado dos ornamentos.

E' outra arte bem diferente.